

Com desobediência civil e tudo, escolas iniciam o ano

CORREIO BRAZILIENSE

10 FEV 1987

DF-Educação

Os proprietários dos estabelecimentos de ensino particular decidiram mesmo desrespeitar o decreto 93.911/87 que estabelece em 35 por cento o reajuste da semestralidade e abriram suas portas, ontem, para receber os alunos, como se nada de errado estivessem fazendo. As aulas foram normais nas escolas cujo calendário previa o retorno para o dia 9 de fevereiro e, no próximo dia 16, o restante dos colégios estará funcionando, também normalmente.

Os diretores das escolas não se preocuparam, ao menos, em dar uma satisfação para os pais dos alunos, que até ontem não sabiam qual o percentual de aumento das mensalidades de seus filhos. Na secretaria das escolas não havia nada afixado e caso alguma mãe desejasse saber quanto vai pagar no final do mês a resposta era fria e incerta: "Ainda estamos calculando".

O jeito mesmo foi se conformar e se limitar a acompanhar as crianças no primeiro dia de aula do ano letivo de 1987. No pátio das escolas o cartaz com letras coloridas dava boas vindas aos estudantes, alheios ao impasse criado pelos empresários e que coloca em jogo todo o ensinamento. De um lado porque os donos dos colégios se recusam a aceitar o percentual fixado pelo Governo, alegando que suas receitas ficarão descobertas, e de outro, a Associação dos Pais dos Alunos, apoiada pela Sunab, Procom e Ministério da Educação, orientando os pais para denunciar os casos de abuso e não efetuar os pagamentos com índices de reajuste mais alto do que foi estabelecido.

LIBERDADE

Segundo informou o vice-presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Particular de Brasília, Jaime Zveiter, a categoria decidiu, em assembléia no último sábado, iniciar o ano letivo "provisoriamente adotando o índice de reajuste que for necessário para manter o equilíbrio da escola". Enquanto isso, anunciou ele, a Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino vai encaminhar para a Procuradoria Geral da República um pedido de declaração de inconstitucionalidade do decreto do Governo.

A majoração livre das mensalidades das escolas será praticada até o dia 5 de abril, quando todos os proprietários de escolas estarão reunidos em

Brasília para uma nova avaliação", ressaltou.

Jaime Zveiter, proprietário do colégio Laser, diz que "a perseguição do Governo para com os empresários está sendo injusta" e que a luta da categoria é para dar condições de sobrevivência às escolas. Zveiter criticou o decreto 93.911/87, alertando a todos os empresários para a sua inconstitucionalidade, "inclusive já admitida por alguns juristas consultados pelo sindicato".

Quanto às autuações da Sunab, Zveiter reconheceu que elas poderão ocorrer, mas apenas quando ficar configurado que o valor da primeira semestralidade de 87 supera o valor da segunda semestralidade de 1986, acrescida dos 35 por cento de reajuste concedido pelo Governo. E esta avaliação só poderá ser feita em junho, o que deixa o órgão de mãos atadas", acrescentou.

A posição da Associação dos Pais em relação à clara desobediência civil que está sendo praticada pelos proprietários das escolas é a de orientar e esclarecer a todos os responsáveis que têm filhos em estabeleci-

mentos particulares. Segundo o vice-presidente da entidade, Omar Abbud, "é um trabalho muito delicado, mas que vem sendo feito e alcançando bons resultados, pois a cada dia o número de telefonemas de pais aumenta, tanto para a Associação como para a Sunab e o Procom, com denúncias de irregularidades e desrespeito ao aumento consentido".

CORAÇÃO

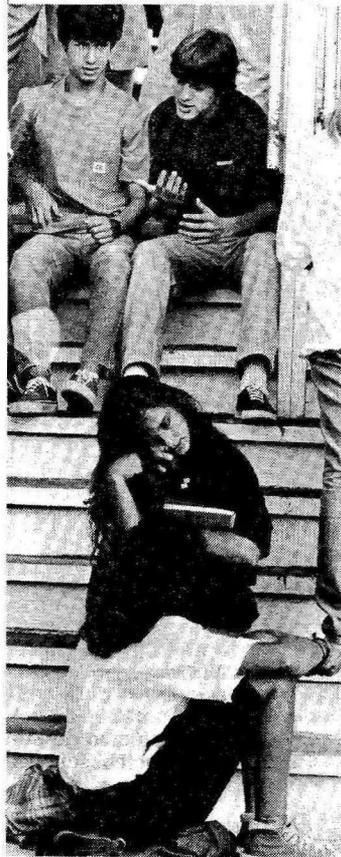
Os pais, considerados o lado mais fraco da questão, devido ao grande envolvimento emocional que alimentam com os professores e diretores das escolas, são os mais prejudicados e, ao mesmo tempo, indefesos. A maioria dos responsáveis pelos estudantes não abre mão de tirar os filhos das escolas particulares e colocá-los em colégios da rede pública. Eles preferem pagar as mensalidades com o aumento que for a ter que brigar por seus direitos. A análise é feita por Omar Abbud, que fecha o raciocínio afirmando que "muitos pais têm vergonha de lutar".

Um exemplo que se enquadra perfeitamente ao pensamento de Abbud é a situação de Marília Caldas Assis, mãe de três filhos, todos matriculados no 1º grau do Colégio Marista. Pertencente à classe média alta, Marília não trabalha e disse "seja de quanto for o aumento das mensalidades vou pagar".

— Eles ainda não me deram os carnês para pagamento, mas estou calculando um índice de 80 por cento. No primeiro dia de aula os professores apenas conversaram com os alunos e deram a lista de material para todo o ano.

Marília comprou os cadernos, livros, lápis, borracha, canetas e outros na cooperativa da escola e gastou Cz\$ 1 mil 800.

O colégio Cor Jesu, na 615 Sul, iniciou as aulas ontem, com as salas cheias e os estudantes bem dispostos. No pátio muitos abraços saudosos e o lanche dividido com o amigo que não via há muito tempo. "O entrosamento das crianças é muito importante para elas. Não pretendo tirar meus dois filhos da escola por causa do aumento. A educação deles está em primeiro lugar", declarou Rui Telles Cavalcanti, microempresário. Segundo Rui, os donos das escolas "envolvem os pais dos alunos de uma forma que é impossível se livrar. Acabamos por concordar com tudo o que eles impõem, só para vermos a satisfação de nossos filhos".



A conversa antes de tudo

Pais exigem solução para o pré

Os pais que têm filhos matriculados na pré-escola estão preocupados quanto a falta de uma posição clara do Governo com relação à liberalização ou não das semestralidades. Também estão vigilantes quanto aos reajustes praticados pelas escolas. É o caso do arquiteto Frederico Barreto, que afirma que a escola Popeye, do grupo Sigma, reajustou a semestralidade em cerca de 134 por cento.

Segundo as informações obtidas pelo arquiteto na secretaria da escola, localizada na entrequadras 204/404 Norte, a semestralidade passaria a ser de Cz\$ 10 mil 800. No segundo semestre

de 86, Frederico Barreto diz que pagou Cz\$ 4 mil 608 pelos estudos da filha matriculada no curso integral do maternal. "Pelo reajuste do MEC o valor não passaria de Cz\$ 7 mil. O que a escola pede é um absurdo".

Para Frederico Barreto, a passividade dos pais e autoridades com relação à pré-escola "faz a gente tomar susto". Promete começar um movimento de mobilização junto aos pais "para tomarmos medidas adequadas". H. Conforme declarou, o aumento da escola pesa muito no orçamento familiar, "já que tudo aumentou na faixa

de 40 a 80 por cento enquanto meu salário foi reajustado na faixa dos 8,3 por cento".

O diretor financeiro da Popeye, Reginaldo Correia Loureiro, negou que a escola tenha aumentado a semestralidade aleatoriamente. "A escola não deu reajuste, optou por cobrar um valor provisório baseado nos 35 por cento concedidos pelo Governo sobre a semestralidade anterior. Isto não é definitivo". Reginaldo Correia alega que o caso da pré-escola ainda está sendo discutido e que o decreto governamental "deixa uma interpretação dúbia".